

Narrativas Sobre Homens Comuns: Os Carregadores do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha, no Ceará

<https://doi.org/10.21814/uminho.ed.73.24>

Marcos Evangelista de Sousa Oliveira

Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil,
Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, Brasil
<https://orcid.org/0000-0001-5585-1361>
marcos.evangelista@uece.br

Resumo

O presente artigo, intitulado “Uma Narrativa Sobre Homens Comuns: Os Carregadores do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha, no Ceará”, tem por intento narrar e mapear a celebração e a devoção que constituem a Festa de Santo Antônio do Pau da Bandeira. Esta acontece no município de Barbalha, na região do Cariri do estado do Ceará, no Nordeste do Brasil. Tem como escopo revelar relações identitárias e comunitárias/territoriais, e os papéis sociais de protagonismo dos carregadores do pau da bandeira de Santo Antônio, frente a prática do ritual de carregamento. A narrativa proposta pelo texto possibilita reconhecer as possíveis reflexões interdisciplinares construídas a partir da dinâmica de devoção e da festividade em torno do santo, bem como as suas reverberações no campo da história, da geografia, da sociologia e da antropologia. O texto propõe-se ainda a pensar a construção de um diálogo sobre narrativas de experiências, memórias e histórias de vida de homens comuns – os carregadores – no processo de feitura e de reconhecimento de bens culturais, em específico no campo do patrimônio imaterial da cultura popular brasileira, buscando assim, torná-lo sujeito ativo do processo histórico de construção e de constituição da festa.

Palavras-Chave

Festa de Santo Antônio de Barbalha, carregadores do pau da bandeira, patrimônio da cultura popular

A Festa de Santo Antônio do Pau da Bandeira de Barbalha

Entre as manifestações do ciclo da cultura junina¹ vivenciadas na região nordeste do Brasil, ganham destaque as festividades religiosas em torno dos santos da igreja católica, devoção herdada da colonização portuguesa. A Festa de Santo Antônio do Pau da Bandeira, que acontece no município de Barbalha, localizado na microrregião do Cariri do estado do Ceará, é uma experiência de manifestação religiosa, social, territorial, patrimonial² e identitária, pertencente a este ciclo, uma festa que é tradicionalmente revivenciada pelos povos que a pertencem.

Segundo Martins (2013), a Festa de Santo Antônio em Barbalha se caracteriza por celebrações que reúnem simbologias do sagrado e do profano, atividades que são organizadas pela igreja católica, governo municipal, grandes comerciantes locais e iniciativa popular. Entre as diversas atividades vivenciadas durante a festa, ganha destaque o ritual de cortejo do carregamento do pau da bandeira de Santo Antônio de Pádua, experiência que culmina com o seu hasteamento em frente à igreja matriz. Ainda segundo o autor, a celebração da festa acontece entre o último domingo de maio ou primeiro de junho e se estende até o dia 13 de junho, data que se comemora a devoção a Santo Antônio de Pádua.

Ao lançar um olhar de espectador sobre as manifestações que envolvem a Festa de Santo Antônio do Pau da Bandeira em Barbalha, e ao partir de vivências pessoais³ com pesquisa, investigação e criação artística no campo das tradições da cultura popular, e em específico as vivências com o ciclo da cultura junina do estado do Ceará, pude perceber e conhecer diversas instâncias que revelam as subjetividades e as afetividades que atravessam as histórias sociais de seus atores/fazedores. Isto posto, as experiências que partiram dessas conexões me proporcionaram perceber ainda que esses processos acontecem entre lugares envoltos de experiências sensíveis e de produção de conhecimento, e que estes podem funcionar como potenciais territórios de reflexão e de emancipação social e política desses sujeitos, de modo a fazê-los conhecer e compreender o mundo ao seu redor e a si, ou seja, suas relações comunitárias e suas histórias sociais (M. Oliveira, 2021).

1 Por “cultura junina” compreende-se um conjunto de elementos materiais e simbólicos que configuram os fazeres, os saberes, os lugares, as expressões e as manifestações referentes e oriundas do ciclo festivo junino.

2 A pesquisadora Cecília Londres apresenta o conceito de “patrimônio” na cartilha *Patrimônio Cultural Imaterial: Para Saber* (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2012), produzida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Ministério da Cultura, ao dissertar que patrimônio é tudo que criamos, valorizamos e queremos preservar: são os monumentos e obras de arte, as festas, músicas e danças, os folguedos e as comidas, os saberes, fazeres e falares.

3 Produtor cultural no campo da cultura das festas juninas no estado do Ceará, com experiência em pesquisa, direção e dramaturgia teatral de quadrilhas juninas, atuando como coordenador de formação da Rede Nacional de Pesquisadores em Cultura Junina, coordenador do *Projeto Viva São João* e outras memórias.

Sobre o Lugar e a Cultura do Povo da Festa

De acordo com o anuário das cidades do estado do Ceará, que traz os dados em referência aos anos de 2020 e 2021, Barbalha⁴ é um município localizado na microrregião do Cariri cearense, distante 501 km de Fortaleza, capital do estado, com população estimada de 60.781 habitantes, é conhecida como a cidade dos verdes canaviais, por se destacar na cultura agrícola da cana de açúcar e da produção de aguardente, se destaca também pela beleza de seus parques de reservas naturais e pela celebração da Festa de Santo Antônio de Pádua. Barbalha faz fronteira com os municípios do Crato, Jardim, Missão Velha, Juazeiro do Norte e com o estado de Pernambuco. Além dos verdes canaviais, o município reserva aos visitantes valiosos atrativos naturais, como a floresta nacional do Araripe, a estância hidromineral de Caldas e a caverna do Farias, esta inserida na reserva particular do Arajara Park. Reisados, penitentes, quadrilhas, bandas cabaçais, fazem parte do cotidiano de Barbalha, que realiza a maior festa de Santo Antônio do Ceará e tem no ritual do pau da bandeira um dos destaques da cultura imaterial do Cariri.

A região do Cariri⁵ cearense, terra de devoção a Padre Cícero Romão Batista, da qual faz parte o município de Barbalha, é descrita e conhecida por sua diversidade cultural, fato que se afirma pela vasta literatura existente sobre o tema e pelas diferentes formas de compreensão da historiografia da região, que pode ser contada a partir da perspectiva do Cariri dos índios, do Cariri dos coronéis, do Cariri da igreja católica, do Cariri do Estado e do Cariri da cultura popular. A história social e cultural do Cariri cearense também se revela à luz da vasta obra do historiador e escritor José Alves de Figueredo Filho (1960), autor que descreve a região como encravada no coração do nordeste e aponta ainda a plural contribuição do seu povo numa perspectiva de desenvolvimento em âmbito nacional, ao afirmar que:

nesse trecho importante do Brasil, tão marcado pelo sofrimento coletivo, temos reservas inesgotáveis de energia que já influíram decisivamente para o fortalecimento da nacionalidade, em todos os setores. Foi o nordestino que nacionalizou a Amazônia demasiadamente influenciada pelo aborígine. E o filho da gleba, açotado impiedosamente pelas sêcas, que está abraçando as regiões sulinas de S. Paulo e Paraná, tão dominados pelo elemento estrangeiro, em costumes e hábitos. Foi o romance nordestino que dominou, até há bem pouco, o cenário literário do País, em todos os quadrantes. E finalmente é o baião, nascido nas caatingas, serras e pés-de serras do Nordeste, que está levando a todos os recantos, a nossa música, motivos e gírias sertanejas. (p. 2)

4 Toponímia: originário de sobrenome de moradora e firmado por corruptela de Barbalho. Gentílico: barbalhense.

5 Localizado no sul do estado do Ceará, o Cariri é formado, atualmente, por 28 municípios e faz fronteira com os estados do Piauí, Paraíba e Pernambuco. As cidades mais desenvolvidas na região são Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha. A denominação “Cariri” deriva de um dos grupos nativos da região anterior à colonização lusa, os Kariris. Durante o decorrer do texto, será cunhada a grafia “Cariri” para referir-se ao que compreende à delimitação cearense do Cariri, tendo em vista que tal região se faz presente nos estados fronteiriços com o Ceará.

Também com um olhar sensível à historiografia social e a cultura do povo do Cariri, o cineasta e escritor cearense Rosenberg Cariry (2001), nascido no município do Crato, descreve a região no texto “A Nação de Utopias”:

a região do Cariri cearense é um oásis, o verde coração do semi-árido nordestino. Apesar de ser uma terra de farturas e de portentos, sua história revela a tragédia do processo civilizatório sertanejo no destino de um povo - os Cariri (Kariri ou Quiriri) - que se fundiu na carne e na alma dos seus inimigos: fazendeiros, criadores de gados, agricultores e vaqueiros oriundos de Sergipe, de Pernambuco e da Bahia. Ao Cariri cearense, centro geográfico com equidistância para as principais capitais do Nordeste, desde meados do século XVII até os dias de hoje, continuam a chegar multidões sertanejas, em um fluxo constante, atraídas pela fertilidade e pela sacração do território como espaço mítico. (para. 1)

É diante deste cenário de pluralidades que também ganham destaque as manifestações tradicionais da cultura popular na região do Cariri. Entre os registros que legitimam a cultura popular, sobretudo as manifestações folclóricas, estão as obras *O Folclore no Cariri* (Filho, 1960); *Folgedos Infantis Caririenses* e as publicações da revista *Itaytera*⁶, um dos principais veículos de comunicação do pensamento regionalista da região durante a segunda metade do século XX, tornando evidente também as diversas manifestações sobre a importância da criação do Instituto Cultural Cariri⁷ para a propagação do folclore da região.

A Devoção a Santo Antônio de Pádua em Barbalha

O folclorista Câmara Cascudo (2002) aponta Santo Antônio de Pádua como um dos santos mais populares no Brasil, e ainda destaca que no país, na década de 1940, já existiam cerca de 70 localidades com o nome de Santo Antônio. E, segundo Cardoso (2013), no Ceará existem atualmente 11 municípios que festejam devoção no dia de Santo Antônio, a saber os municípios de: Chaval, Caridade, Quixeramobim, Fortaleza, Itaitinga, Ocara, Antonina do Norte, Araripe, Barbalha, Jardim e Barro. Antonio Oliveira (1999) também disserta sobre a tradição de devoção e festejo de Santo Antônio no Brasil, ao mencionar que:

se popularizou no decorrer do processo da colonização portuguesa. O catolicismo que se espalhou pelos distintos rincões do Brasil colonial foi influenciado “pela mentalidade religiosa da Europa do século XVI”, que buscou fomentar o culto em torno das trajetórias de vida de certos indivíduos, considerados exemplares pela absoluta dedicação em torno da Igreja e de sua fé em Deus. (p. 77)

⁶ Revista de publicação anual associada ao Instituto Cultural do Cariri.

⁷ O Instituto Cultural do Cariri foi criado com objetivo de expedir e consolidar um projeto civilizador/letrado na região, bem como de projetar os seus membros, que desenvolveram estudos e ações nesta área. O instituto funciona até os dias de hoje.

Segundo Souza (2000), a devoção a Santo Antônio de Pádua⁸ existe no município de Barbalha desde o século XVIII, remontando ao ano de 1778. Ainda segundo este autor, a celebração da festa

tem seu início em 1928, quando o Padre José Correia de Lima, vigário de Barbalha, motivado pelo costume do hasteamento da bandeira nas festas dos santos do ciclo junino, resolveu instituir o carregamento do mastro no qual seria hasteada a bandeira do padroeiro. (Souza, 2003, p. 1)

Ainda segundo Souza (2000), toda a celebração da Festa de Santo Antônio do Pau da Bandeira é proposta a partir de diversos rituais: a abertura oficial da festa, que se dá com o início da celebração da trezena de Santo Antônio, composta por missas, noitárrios, quermesse e procissão; o cortejo folclórico, que acontece saindo da igreja matriz pelas principais ruas da cidade; a exposição simbólica do barril da “Cachaça do Sr. Vigário”, carregada por uma carroça, e que representa a cultura da cana de açúcar e da bebida na região; e o ritual de carregamento e hasteamento do mastro do pau da bandeira, escolhido pelos homens da cidade, e que deve ser hasteado com a sagrada bandeira de Santo Antônio de Pádua. Ainda segundo o autor, a abertura oficial dos festejos dedicados a Santo Antônio começa com o cortejo de carregamento do pau, no dia 13 de junho, cortado de uma árvore localizada entre os sítios Flores ou São Joaquim, no sopé da Chapada do Araripe. O corte acontece cerca de 15 dias antes da festa e o tronco é trazido nos ombros até a frente da Igreja de Santo Antônio, onde é hasteado com a bandeira do santo padroeiro.

É importante afirmar que a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio é apresentada e reconhecida como patrimônio de natureza imaterial da cultura brasileira através do Decreto n.º 3.551, de 4 de agosto de 2002 e registrada no ano de 2015, inscrita no *Livro de Registro das Celebrações*, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. No livro de registros supracitado, a celebração é apresentada como uma festividade do ciclo da cultura junina em homenagem ao dia de Santo Antônio de Pádua, o santo casamenteiro na tradição popular na igreja católica. Nessa perspectiva, é importante problematizar a construção do patrimônio cultural da festa como uma prática social e formadora de um campo de conflito material e simbólico no processo de institucionalização da memória-histórica do povo que a celebra. Isto porque, a partir da compreensão da festa como patrimônio cultural e das políticas de preservação atribuídas a essa manifestação, é possível compreender os múltiplos sentidos e valores que norteiam os seus bens culturais.

⁸ Nascido em Lisboa, no ano de 1195, tendo como nome de batismo Fernando de Bulhões. Antônio acabou se fixando na cidade de Pádua, onde sua fama de pregador e taumaturgo foi construída. Antônio faleceu no dia 13 de junho de 1231, sendo canonizado 1 ano após sua morte. No ano de 1946, recebeu o título de “doutor da igreja católica” (Casculo, 2002).

O Ritual de Carregamento do Pau da Bandeira

Entre as diversas manifestações religiosas e sociais que ocorrem durante a Festa de Santo Antônio em Barbalha, o ritual de carregamento do pau da bandeira é compreendido pelas instituições da cidade, tanto pela prefeitura quanto pela Paróquia de Santo Antônio de Pádua e pelos comerciantes locais, como um festejo de caráter social, sobretudo pelas características de atração turística e de carnavalização que o ritual foi incorporando ao longo dos tempos, fazendo menção a uma suposta divisão existente entre as práticas do sagrado e do profano, e que são vivenciadas na festa, tendo a culminância, ou seja, o momento do hasteamento da bandeira em frente à igreja, como um festejo de caráter religioso (Souza, 2000).

Souza (2003) também descreve com detalhes, que ao longo dos anos, o cortejo do carregamento do pau da bandeira de Santo Antônio sofreu diversas mudanças. Entre as mais importantes, o autor cita o processo de carnavalização do ritual, que foi sendo promovido pelas camadas mais populares e que também foi incorporando a participação dos visitantes, os turistas que vêm à cidade no período da celebração da festa.

Do ano da sua criação, até o presente momento, o cortejo do pau-da-bandeira passou por diversas mudanças. A mais importante foi a sua carnavalização, promovida pelas camadas populares da sociedade barbalhense. Esse processo de carnavalização foi marcado, sobretudo, pela transformação do cortejo num momento festivo, com danças, bebidas, músicas e comidas, e pela erotização do mastro (por exemplo, a moça que pegar no pau tem grandes possibilidades de casar-se em breve). (Souza, 2003, p. 1)

Martins (2013) também apresenta com detalhes os acontecimentos e vivências que envolvem o ritual de carregamento do pau da bandeira, ao descrever que:

o mastro é popularmente chamado de “pau da bandeira” ou “pau de Santo Antônio”. O percurso do sítio até o local onde o mastro é enterrado (sendo logo em seguida hasteada a bandeira) chama-se “cortejo” e se configura numa “festa” dentro da festa de Santo Antônio. No âmbito da preparação desse cortejo, bebidas, comidas, brincadeiras, banhos e muita diversão tem lugar no meio do povo. Uma verdadeira oposição à ordem e à hierarquia do desfile folclórico e da missa, elementos de domínio da Igreja. (p. 31)

Entre os momentos que marcam o cortejo de carregamento, estão as brincadeiras que acontecem ainda nas estradas carroçais, estradas de barro, na vinda do pau da bandeira da área rural para cidade, e entre as brincadeiras está a *briga de lama*, momento de muita descontração entre os carregadores, o qual o guia de turismo local Edson Neto⁹ (comunicação pessoal, 11 de fevereiro de 2022) nos descreve em entrevista cedida para a produção deste trabalho:

a brincadeira da briga de lama é o momento no qual os carregadores ficam descontraídos. A lama na verdade, quando pau da bandeira sai lá da “cama do

⁹ Edson Neto é guia de turismo na região do Cariri cearense.

pau”, ainda na zona rural do corte, aí nesse percurso ainda o local ainda é estrada de chão, de terra batida, e às vezes tem algumas poças de lama da chuva, e nesse trajeto os carregadores aproveitam para sujar uns aos outros, de forma muito saudável, e muita gente fica de forma só observando. A brincadeira sempre acontece nos momentos de descanso, onde os carregadores soltam o pau no chão, e logo em seguida o “capitã”, líder do carregamento ordena o levante e o cortejo segue.

Diante das narrativas apresentadas, pudemos compreender que a Festa de Santo Antônio de Barbalha, sobretudo o ritual do cortejo que vivencia o carregamento do pau da bandeira, é marcada pelas experiências sensíveis e afetivas da cultura e das histórias de vida dos carregadores. Revelam, desse modo, uma manifestação religiosa da igreja católica que evidencia a participação das camadas mais populares do município de Barbalha, ou seja, do povo¹⁰.

Narrativa de Homens Comuns: O Protagonismo dos Carregadores

Podemos compreender a Festa de Santo Antônio como uma possibilidade de construção cartográfica e de registro paisagístico do município de Barbalha e da microrregião do Cariri cearense. E compreender ainda que a festa e o cortejo de carregamento do pau da bandeira se evidenciam como uma referência cultural da cidade, representando, por tanto, uma experiência ritualística, na qual homens comuns deste lugar/território assumem seus papéis sociais de carregadores e se afirmam como protagonistas do ato de carregar. Essa ideia também se sustenta com o depoimento de Teles, em entrevista concedida ao cineasta Rosemberg Cariry (2013), ao apontar que:

os carregadores eles são realmente as maiores autoridades do ritual de carregamento do pau e estes são ecléticos, tem carregador advogado, tem carregador engenheiro, tem carregador funcionário público, estadual, federal, mas a sua grande maioria, é aquela pessoa humilde, aquele lavrador, aquele cara pedreiro, pintor, aquela pessoa humilde que passa o ano inteiro esperando pra chegar esse dia em que ele é a estrela maior. Isso acontece ano a ano repetidamente eles estão fazendo isso, três, três e meia, eles já amanhecem o dia já lá fazendo suas orações, seus pedidos e marcando obviamente o seu lugar, onde ele vai pegar durante esses seis quilômetros, que é o percurso que a gente faz com ele nos nossos ombros. (p. 117)

Desse modo, a proposta de escrita desse texto se apresenta como uma possibilidade de evidenciar a importância dos carregadores para que a festa aconteça. Alexandre et al. (2013), que são pesquisadores da festa, também apontam os carregadores do

10 O conceito de “povo” seria: o conjunto de pessoas marginalizadas pelo sistema econômico, os despossuídos de bens materiais, aqueles que não fazem parte da “elite” (Maldonado, 1986). Ou ainda: o conjunto de raças, etnias e grupos marginalizados, enfim, o “bloco social dos oprimidos” pelo sistema capitalista (Dussel, 1986).

pau da bandeira como homens comuns da cidade, mas que assumem os papéis de protagonistas do ritual de carregamento, ao relatarem que:

eles dotaram o evento de um caráter festivo, carnavalesco. A celebração de carregamento e hasteamento do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha, como é característico dos momentos de festa, funciona como ruptura cotidiana, na medida em que os Carregadores são pessoas humildes, na maioria marchantes do Mercado Municipal de Barbalha, passando a ocupar o lugar central naquele dia. (Alexandre et al., 2013, p. 71)

Estes autores pesquisadores, a partir de suas percepções de experiência como o ritual de carregamento do pau da bandeira, sobretudo diante das vivências interpessoais com os carregadores frente ao ato do carregamento, apresentam diversos relatos que nos ajudam a compreender o papel de protagonismo destes sujeitos diante da dimensão da festa. A seguir, são apresentados quatro relatos. O primeiro relato traz à tona a evidência de que o ritual do cortejo de carregamento é uma ação pertencente e conduzida pelos carregadores:

o espaço do cortejo do pau não pertence ao padre ou ao prefeito, apesar do investimento político feito por estes, mas sim aos carregadores. Nesse espaço, as regras e as normas são estabelecidas pelos mesmos: eles são os protagonistas da festa. Os vivos e fogos vindos da multidão são dedicados a eles, que parecem superar as limitações físicas em nome da missão a cumprir: erguer o mais alto possível a efígie do santo querido. (Alexandre et al., 2013, p. 71)

O segundo relato evidencia as narrativas de liderança, de convocação e de rito de passagem entre as faixas etárias dos carregadores, revelando assim todo um ritual de hierarquia entre os carregadores e dos modos de manejo do carregamento do pau:

por volta de meio dia, os carregadores são convocados pelo Capitão do Pau. Ao som de tiros de fogos, após um Pai Nosso e uma Ave Maria puxada pelos carregadores, tem início o cortejo de Carregamento do Pau da Bandeira. Há uma hierarquia entre os carregadores, pois o Cortejo é também um ritual de passagem da adolescência para a vida adulta e um espaço de afirmação masculina. O objetivo de todo carregador é carregar o pau na sua ponta mais pesada. Para tanto, existe uma disputa entre eles, que começa ainda na adolescência. Deste modo, os carregadores mais experientes na celebração se posicionam ao lado da parte pesada do tronco enquanto os jovens e pessoas menos experientes ficam com a parte mais leve. No final do tronco são amarradas cordas, que, quando esticadas, ajudam a direcioná-lo. Durante todo o percurso, o tronco é constantemente arremessado ao chão, o que sempre deixa todos apreensivos, pois denota sério risco de acidentes para os carregadores e para o público. Além do mais, há sempre a possibilidade de que o tronco quebre devido aos diversos arremessos. (Alexandre et al., 2013, p. 69)

O terceiro relato evidencia as narrativas do cortejo de carregamento do pau ao se aproximar do centro da cidade, de como vão se juntando as outras manifestações

da festa, e de como se dá a recepção, apreciação e envolvimento dos moradores da cidade e dos turistas:

no início do carregamento, a participação no Cortejo se restringe quase que somente aos carregadores. Porém, à medida que se aproxima da cidade, aumenta o número de expectadores e de pessoas que seguem o cortejo. Nas ruas, como diz a música símbolo da festa, “a cidade toda corre pra ver o pau da bandeira”. Homens, mulheres, velhos, crianças, ricos, pobres, todos se misturam formando uma grande multidão de devotos e foliões. Ao longo do Cortejo, uma carroça munida de aguardente – conhecida aguardente – conhecida como Cachaça do Sr. Vigário – acompanha os carregadores, distribuindo a bebida gratuitamente aos mesmos e ao povo que segue ou assiste à celebração. Pessoas de diversas localidades do Cariri, do Brasil e até estrangeiros acompanham ativamente o cortejo de carregamento, celebração que apresenta certo perigo, tanto para os carregadores quanto para o público que assiste a mesma. Santo Antônio e os carregadores são constantemente saudados com vivas, palmas e fogos. (Alexandre et al., 2013, p. 70)

E o quarto relato evidencia as narrativas de celebração da chegada do pau à igreja matriz, evidenciando também o manejo do hasteamento e da euforia, emoção e aplausos, culminado com a queima de fogos de artifícios em resposta ao êxito do levantamento do pau:

por outro lado, a irreverência popular dos Carregadores mescla a festa de tons religiosos, alegres e até profanos, onde piadas de conotação sensual são dirigidas ao Pau de Santo Antônio, praticamente um culto fálico que garante às moças solteiras a possibilidade de casamento, desde que peguem, se esfreguem ou bebam o chá do mastro da bandeira. Essa erotização se tornou mais forte nas últimas décadas do século XX, sendo que a cobertura midiática do evento costuma se fixar nesta sensualização da festa. Após um árduo trajeto de aproximadamente seis quilômetros, geralmente por volta das 18/20 horas, o Cortejo do Pau chega à Praça da Matriz de Santo Antônio, onde a bandeira com a imagem do padroeiro da cidade será enfim hasteada. Neste momento, uma plateia de milhares de pessoas assistem entusiasmadas o levantar do Pau da Bandeira. (Alexandre et al., 2013, pp. 71–72)

Diante das pistas e direcionamentos apresentados, o ritual de carregamento do pau da bandeira pode ser compreendido como forma de construção de sentidos que reverberem as articulações da vida social dos sujeitos do processo, possibilitando, assim, uma forma de compreender as narrativas do ritual para além de seu percurso e hasteamento, abrindo possibilidades sensíveis e experienciais diante do vivenciar o caminhar pelas ruas, o ouvir os discursos e o modo de falar característico dos carregadores, de perceber as cores, os sons, os sabores, os odores e as texturas que desenham a cartografia de percurso do ritual enquanto lugar de memória. Formas de perceber territórios e instalações prediais que fazem parte da construção simbólica, social e econômica durante o trajeto do carregamento.

Considerações Finais

A proposta de escrita dessa narrativa teve como intuito promover uma reflexão sobre o protagonismo dos carregadores do pau da bandeira de Santo Antônio de Barbalha durante o ritual de carregamento. E essa reflexão também se construiu a partir do pensamento de que as vozes, as vivências, bem como as narrativas sociais destes homens, devem ser escutadas e legitimadas. E esse debate também deve ser compreendido a partir de uma perspectiva que não desvincula a história destes homens à comunidade, ao espaço geográfico em que estes vivem.

Desse modo, narrar as experiências desses sujeitos em suas comunidades e diante da prática do ritual de carregamento do pau, tende a suscitar e revelar um território fértil de produção de memórias e sentidos, capaz de conduzir críticas e reflexões a partir de questões epistemológicas no campo da cultura popular. Esta ação também se torna relevante se pensarmos as potencialidades dos saberes populares como experiência de produção de conhecimento, de salvaguarda das memórias e de afirmação social dos sujeitos do processo. Assim, escrever essa narrativa é também pensar a abertura de caminhos e diálogos no campo das políticas públicas sociais direcionadas à cultura e às tradições populares, o que pode possibilitar um debate sobre as condições de direito, cidadania e cultura destes povos. Igualmente, aponta numa perspectiva de literatura acadêmica, ou seja, para a necessidade de ampliação de estudos no campo da cultura, da memória social, das relações de construção de identidade e da preservação da cultura patrimonial imaterial brasileira.

Referências

- Alexandre, J. F., Souza, O. T., & Bezerra, S. (2013). Festa de Santo Antônio de Barbalha: Patrimônio de fé, devoção e carnavalização. In I. de M. Soares & Í. B. M. da Silva (Eds.), *Sentidos de devoção: Festa e carregamento em Barbalha* (pp. 44–79). Iphan-CE.
- Cardoso, A. I. D. (2013). *(In)visibilidade de espaços festivos: A centralidade da Festa de Santo Antônio e as manifestações periféricas de Barbalha, Ceará* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Ceará]. Repositório Institucional UFC. <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/15847>
- Cariry, R. (2001, 5 de março). *A nação das utopias*. ENAPEGS2018. <https://enapegs2018.ufca.edu.br/210-2/>
- Cariry, R. (2013). Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha. In I. de M. Soares & Í. B. M. da Silva (Eds.), *Sentidos de devoção: Festa e carregamento em Barbalha* (pp. 80–137). Iphan-CE.
- Cascudo, C. (2002). *Dicionário do folclore brasileiro* (6ª ed.). Itatiaia.
- Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000. (2000). http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3551.htm
- Departamento do Patrimônio Imaterial do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. (2015, 17 de setembro). *Certidão*. <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Barbalha-Certidao.pdf>
- Dussel, E. (1986). Religiosidade popular como opressão e libertação. *Concilium*, 206(4), 84–97.
- Filho, J. (1960). *O folclore do Cariri*. Imprensa Universitária do Cariri.
- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. (2012). *Patrimônio cultural imaterial: Para saber mais*. Ministério da Cultura. http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/cartilha_1__parasabermais_web.pdf

Maldonado, L. (1986). Religiosidade popular: Dimensões, níveis, tipos. *Concilium*, 206(4), 6-14.

Martins, J. C. (2013). Festa de Santo Antônio de Barbalha-Ceará: Sagrado e profano em circularidades de significados. In I. de M. Soares & Í. B. M. da Silva (Eds.), *Sentidos de devoção: Festa e carregamento em Barbalha* (pp. 10-43). Iphan-CE.

Oliveira, A. G. A. (1999). *Para além do sagrado: Tradições religiosas e novas formas de sociabilidade: A Festa de Santo Antônio de Barbalha - CE* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Ceará]. Repositório Institucional UFC. <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/1252>

Oliveira, M. E. (2021). Histórias que tramam o gênero, a arte, a vida [e outras memórias]: Narrativas de mulheres fazedoras de quadrilha junina no Ceará. In C. G. B. Schiavon, O. S. Nery, J. C. da S. Cardozo, & W. Feloniuk (Eds.), *4º Seminário história e patrimônio: Diálogos e perspectivas: Caderno de resumos* (p. 52). FURGS.

Souza, O. T. (2000). *A festa do pau da bandeira de Santo Antônio de Barbalha (CE): Entre o controle e a autonomia (1928/1998)* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro].

Souza, O T. (2003). *A Festa do Pau-da-Bandeira de Santo Antônio de Barbalha (CE): Uma experiência religiosa* [Comunicação]. XXII Simpósio Nacional de História - ANPUH, João Pessoa, Brasil. https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548177542_1d324b6893fa631c9f230833a2c85873.pdf